



Resenha crítica da tradução comentada dos sete capítulos internos do Zhuangzi

Critical review of the commented translation of the seven inner chapters of Zhuangzi

ZHUANG, Zhou. **O Imortal do Sul da China**: uma leitura cultural do Zhuangzi - Tomo I: Os textos do mestre. Tradução, introdução e comentários de Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora UNESP, 2022. 391 p.

Matheus Oliva da Costa
José Marcello Salles Giffoni

Introdução

Podemos observar no Brasil do século XXI uma ascensão progressiva e contínua da produção acadêmica filosófica de matriz chinesa. Sabemos que os três filósofos mais conhecidos, lidos e citados atualmente por aqui são Confúcio, Laozi e Zhuangzi (Sousa, 2020) – sem contar aqui o Sunzi, da *Arte da Guerra* (Sunzi Bingfa 孫子兵法). O Laozi 老子, também conhecido pela obra *Daodejing* 道德經 (*Clássico do Caminho e da Virtude*), já contava com dezenas de traduções, inclusive cerca de meia dúzia delas já diretamente da língua chinesa para o português, mas ainda nenhuma com tradução de algum comentador chinês tradicional do Laozi, até 2016. O livro *Os Analectos* (Lun Yu 論語), atribuído a Confúcio, até 2012 não tinha uma tradução completa e comentada feita diretamente do chinês para o português.

O brasileiro natural de Natal-RN Giorgio Sinedino, com o nome chinês Shen Youyou 沈友友, cobriu essas lacunas com traduções diretas e comentadas de Confúcio (2012) e de Laozi (2016), dois trabalhos de fôlego. Em 2022, contribuiu mais uma vez com a tradução comentada do Zhuangzi 莊子 (simplificado 庄子), o filósofo Zhuang Zhou 莊周, em seu Tomo I “Os textos do mestre”, que inclui os sete primeiros capítulos da obra, os famosos “capítulos internos” que tem a autoria do Zhuang Zhou mais confirmada. Sinedino é um dos mais novos e impactantes

brasileiros sinólogos (especialistas em China). Ele é graduado em Direito em 1998 pela UFRN, mestre em Diplomacia em 2005 pelo Instituto Rio Branco, mestre em Filosofia chinesa em 2012 pela Universidade de Beijing e doutor em Ciência das Religiões e Estudos Budistas em 2020 pelo Instituto de Budismo e Teoria das Religiões da Universidade Renmin da China (Zhongguo Renmin Daxue Fojiao yu Zongjiao Xue Lilun Yanjiu Suo 中国人民大学佛教与宗教学理论研究所, em caracteres simplificados). Atualmente é professor da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau.

Estrutura da Obra

Assim como nas outras traduções comentadas de Sinedino, a obra conta com o apoio do Instituto Confúcio da UNESP (Universidade Estadual Paulista), contando com uma deste instituto escrita por Luís Antonio Paulino, diretor executivo, e Ye Dan, diretora chinesa. Ambos ressaltam o caráter inédito de uma tradução *comentada* do Zhuangzi em português. A obra foi produzida pela Editora UNESP, que se destaca tanto pela excelente qualidade de edição quanto pela abertura intercultural. Esta editora abraçou o projeto de publicar clássicos filosóficos chineses, o que se deve em boa medida ao apoio do editor Jézio Hernani Bomfim Gutierre.

No “Esboço introdutório: por dentro de uma obra-prima da literatura chinesa”, Sinedino apresenta a obra, sua posição como tradutor e elementos históricos, filosóficos e literários que auxiliam leitores a entender o *Zhuangzi*. Ele começa por resumir o que defende ser as mensagens mais destacadas de cada capítulo da obra:

Na leitura que anima a tradução e os comentários desta obra, assumo que há um percurso intelectual coerente nos sete capítulos dos “Textos do mestre”, primeiro tomo de O imortal do Sul da China.

O praticante daoista está imbuído do anseio por liberdade existencial (Cap. I), que deve ser informado pela busca de uma sabedoria que transcende as limitações dos sentidos (Cap. II), motivando o esforço para a manutenção da saúde (Cap. III), a qual permite acumular força para persistir no Caminho (Cap. IV), multiplicada pelo reconhecimento da beleza absoluta (Cap. V). Esse processo de preparação existencial e espiritual culmina no encontro final com uma força invencível: a morte (Cap. VI). O capítulo final [VII] virá como uma mensagem de conforto, uma vez [que] o praticante tenha conseguido atravessar o teste de fogo, a vitória sobre o medo de não mais existir. (p. 21-22)

Sinedino visou, então, proporcionar fundamentos históricos sobre a obra, sobre o autor traduzido e sobre o contexto em que a obra foi forjada. Começa diferenciando a “Literatura dos mestres” (Zhuzi Baijia 諸子百家), que o *Zhuangzi* faz parte, dos clássicos (Jing 經), das crônicas históricas (Shi 史) e antologias poéticas (Ji 集). Outra característica relevante é a estrutura do *Zhuangzi* em 33 capítulos, sendo os 7 primeiros os “capítulos internos” aqui traduzidos.

No que concerne ao contexto histórico da obra, trata-se do período da Dinastia Zhou 周 posterior, que inclui o Período das Primaveras e Outonos e dos Reinos Combatentes, basicamente entre os séculos VII e III AEC, período de grande instabilidade política, desestruturação social e efervescência intelectual. Já nos primeiros séculos desse período surgiram diversas escolas filosóficas, como os confucianos, os moístas, os legalistas e os daoistas. O Zhuangzi é relacionado historicamente a essa última. Há correlações instigantes com outros autores da época, como o amigo e opositor intelectual Hui Shi 惠施 (Huizi 惠子), um debatedor da Escola dos Nomes, outra corrente filosófica antiga. Ele distingue duas posições práticas presentes no tempo de Zhuang: o “engajamento no mundo” (Rushi 入世), por um lado, e “saída do mundo” (Chushi 出世), por outro lado. Zhuang se conecta a essa última posição, enquanto todas as outras escolas aqui mencionadas eram da primeira posição.

Em seguida, Sinedino foca no próprio Zhuang Zhou (369-286 AEC) como pensador autônomo, inovador, místico e defensor da liberdade existencial, sendo um importante nome relacionado a Academia Jixia (Jixia Xuegong 稷下學宮), local de intensos debates, críticas e de posições “antitradicionalistas”. Sinedino introduz os conceitos mais relevantes do Zhuang Zhou também, como a *Grande Espontaneidade* (Da ziran 大自然) e a noção de tornar-se “imortal” (Xianren 仙人) - termo entendido como alguém com longevidade por ser praticante de técnicas corporais, ou como aderentes de práticas místicas que visam ascensão espiritual. Claro que esse é um dos motivos para Sinedino usar o termo “imortal” no título “imortal do sul da China”, sendo que o termo “sul da China” se dá pelo título que a obra ganhou posteriormente, na dinastia Tang 唐 (685-762 EC): Clássico autêntico do [mestre do] sul da China ou “Escritura autêntica [do imortal] do sul da China”, como ele traduziu (Nan Hua Zhenjing 南華真經). Sinedino comenta que nas várias edições dessa obra, que é um compilado histórico de vários autores (principalmente os capítulos a partir do capítulo 8, ainda não traduzidos por ele), houve influências dos seus muitos editores e comentadores. Destaca-se historicamente o editor Guo Xiang 郭象 do séc. III e IV (filósofo da escola do Estudo do Mistério, Xuan Xue 玄學), e o monge daoísta da tradição do Tesouro Numinoso (Ling Bao 靈寶), Cheng Xuang’ying 成玄英, no séc. VIII.

Do ponto de vista da obra em si, Sinedino apontou algumas das suas “virtudes estilístico-literárias”: (1) tem personalidade própria; (2) apresenta uma técnica literária rica e polissêmica; (3) inova com vários gêneros literários, tanto criando quanto inspirando futuras criações; (4) Literariedade ficcional explícita e instigante; (5) Senso de humor e forte presença de ironia; (6) Estrutura que pode parecer desconexa, porém, tem uma integralidade em sua nova forma de escrita.

Finalmente temos a maior parte do livro, que consiste na tradução bilíngue dos capítulos 1 ao 7 com apresentações e comentários em cada um deles. No que

concerne ao texto traduzido, o próprio tradutor afirma ter decidido por uma tradução “literária” e não “literal”, como fez em outras traduções de clássicos chineses antigos. Sobre os comentários do tradutor, trata-se de uma leitura original e singular sobre a obra comentada que só poderia ser feita dessa maneira por alguém com o lugar de fala do autor - um brasileiro que vive na China e domina as línguas chinesa e portuguesa.

O livro termina com um Posfácio em português e em chinês, em que o tradutor e comentador aprofunda alguns tópicos que tratou na introdução. Observamos que estes seriam mais adequados no início da obra, já que em boa medida neles encontramos justificações da sua posição como tradutor. Ao final, temos a “nota bibliográfica” e um parágrafo “sobre o tradutor”.

Balanço crítico

Sobre a obra como um todo, trata-se da primeira tradução direta para o português dos capítulos internos do *Zhuangzi* com consulta de comentários tradicionais e comentários autorais do tradutor Sinedino. Essa é uma das mais importantes fontes intelectuais, artísticas e culturais chinesas (em sua diversidade interna urbana e camponesa, norte e sul, Han 漢 e das outras etnias ali presentes), bem como de parte significativa da Ásia e dos seus descendentes presentes em todo o mundo. Assim, podemos dizer que se trata de uma obra clássica mundial, e, por isso, já deveria de ter uma versão completa traduzida diretamente para o português, tal como há de obras europeias. O livro também está muito bem diagramado e organizado do ponto de vista editorial. Por todas essas qualidades, trata-se de mais uma contribuição valiosa de Sinedino e da editora UNESP para um conhecimento mais qualificado dos clássicos chineses por parte do público brasileiro.

Contudo, é preciso avisar que, ainda que guarde uma série de aspectos inéditos, já existem capítulos do *Zhuangzi* traduzidos e/ou comentados diretamente para o português aqui no Brasil em trabalhos filosóficos (Souza, 2016; Tsai, 2017, Corrêa, 2017; Barros Barreto, 2018). Essas traduções fazem parte de um interesse mais profundo e sistemático recente de brasileiros sobre o *Zhuangzi*, somando a uma nova geração de estudos atualizados, críticos e amparados em leituras tanto chinesas quanto europeias e norte americanas - ainda que guardem diferenças fortes entre si, que não cabe aqui desenvolver. Propositalmente ou não, tem semelhança com o movimento do século XXI de autores não-chineses em língua inglesa que utilizam dos comentários tradicionais de chineses para o apoio na tradução do *Zhuangzi* (como Lynn, 2022; e Ziporyn, 2009).

Para quem ainda não conhece a obra *Zhuangzi*, podem ocorrer dois problemas de comunicação devido ao título usado. Primeiro, o termo “imortal do sul da China” causa estranhamento e pode dificultar a busca pela obra em catálogos, já que o termo chinês original que inspirou essa tradução (“Clássico Autêntico do sul da China”), é

pouco conhecido no Brasil. Claro que isso pode se tornar uma vantagem no longo prazo, pois enriquece a língua de chegada. Segundo, o título pode dar a entender que é uma tradução completa do *Zhuangzi*, quando na verdade é somente dos seus sete primeiros capítulos, os denominados “capítulos internos”. Isso é esclarecido pelo subtítulo “Tomo I: Os textos do mestre”, mas que, entretanto, não aparece na capa.

No que concerne especificamente à tradução, o uso da linguagem mais fluida gera qualidades comunicativas, mas também algumas dificuldades ao leitor. Sobre as qualidades, o tradutor conseguiu exercer um estilo mais livre e confiante de tradução em relação às suas outras traduções. As experiências anteriores (Confúcio, 2012; Laozi, 2016) foram contribuições excelentes, cada uma ao seu modo, mas mostravam alguma reserva quando Sinedino fazia comentários mais autorais, e se prenderam em boa medida aos comentários tradicionais chineses. Agora Sinedino mostrou tanto confiança quanto fluidez que, juntas, expressam anos de prática de tradução, o que revela uma maior maturidade como tradutor. Acreditamos que esse seria um aprofundamento da influência de Hu Xudong 胡续冬, professor universitário da Universidade de Beijing e poeta, a quem Sinedino (2021) via como o seu “mentor”.

Complementarmente, o uso de comentários tradicionais como base para a tradução, sua marca registrada e seu diferencial como tradutor de clássicos chineses para a língua portuguesa, continuam nesse primeiro tomo da tradução do *Zhuangzi*. No entanto, dessa vez os comentários tradicionais, especialmente pela fonte de Guo Xiang, estão submersos e mesclados à tradução em sua versão final em português, numa atitude bastante ousada que busca tornar a obra mais compreensível ao leitor. Assim, por um lado, um entendimento maior podem ocorrer na maioria das vezes - dificultado apenas por termos eruditos pouco usados atualmente, que, no entanto, tornam a leitura mais rica em vocabulários.

Contudo, por outro lado, Sinedino mistura demasiadamente o texto original com comentários e adaptações suas, de modo em vários trechos torna-se quase impossível distinguir o que é do texto original e o que é um acréscimo do tradutor. Sinedino explicita aos leitores que fez inserções ao texto visando uma melhor compreensão por parte das pessoas da cultura de recepção da obra (ou seja, brasileiros). Contudo, para um leitor que não conhece a língua chinesa ou não tem interesses acadêmicos, essa distinção pode não fazer falta para a compreensão, mas também pode levá-lo a crer que há elementos ali que, na verdade, não estão no texto. Os casos mais evidentes são as longas introduções de alguns parágrafos de cada parte da tradução que não estão presentes no texto original do *Zhuangzi*. Nas traduções de Confúcio (2012) e do Laozi (2016), houve o cuidado de inserir termos entre colchetes “[]” para indicar o que foi adicionado, o que não aconteceu no caso do livro que aqui resenhamos. Sabemos que o uso dos colchetes no texto causa

estranhamento e podem prejudicar a fluidez da leitura, e entendemos a decisão do tradutor como válida e próxima de outros tradutores da língua chinesa clássica como Haroldo de Campos (Vieira, 2009) e Chiu Yi Chih (Liezi, 2020) - mesmo sem que estes se conheçam.

Assim, por essa característica, destacamos aos leitores para ficarem atentos e verificarem em outras traduções (ou o texto original em chinês) para que haja certeza quanto à exatidão das expressões atribuídas a *Zhuangzi*, antes de reproduzi-las. Esse cuidado tem relação com a decisão do tradutor de *não* usar uma tradução “literalista”, mas sim uma técnica *literária*, logo, mais aberta, livre e adaptativa. Ou seja, a proposta foi muito mais a de uma tradução fluida e que pudesse ser mais bem compreendida na ótica de brasileiros, mesmo que para isso palavras e sentenças de autoria do tradutor tenham sido adicionadas ao corpo do texto original traduzido. Assim, pode ser que algum trecho seja a mistura do texto original, comentadores chineses e do próprio Sinedino, e não os termos do *Zhuangzi* literalmente equivalentes na língua portuguesa.

Indicações de leitura

A quem a obra pode interessar? Em primeiro lugar, a acadêmicos, especialmente às pessoas do campo dos “estudos chineses” (sinólogos/as) e aos que estudam a história e as culturas do leste asiático também, por esse ser um clássico da história da China que impactou a Coreia, no Vietnã, o Japão - neste último caso, muitos valores e expressões estéticas de *animes* por exemplo, tem raízes históricas no *Zhuangzi*. Também quem estuda estilos literários (na área de Letras) vai se beneficiar com a criação “*zhuangziana*” de novos gêneros literários, mais autônomos, mais ficcionais e mais irônicos. Cientistas das religiões podem compreender com maior profundidade as complexas expressões religiosas da tradição daoísta a partir desta leitura.

Defendemos que estudantes de Filosofia precisam ler essa obra para entender melhor a tradição chamada de *daoísmo*, que, no *Zhuangzi*, tem uma expressão peculiar de questionamentos dos padrões sociais, de anti-utilitarismo, de estabelecimento de conceitos abertos e fluidos. Mas um aviso deve ser feito aos filósofos e filósofas: não procurem algo como o *aristotelismo* ou algum sistema filosófico tradicional, pois, em comparação com a filosofia europeia, *Zhuangzi* tem mais pontos de diálogos com a defesa metafísica da transformação em Heráclito, a rebeldia poética de Nietzsche (Tsai, 2017, p. 96, nota 353) e a desconfiança do alcance da linguagem de Wittgenstein (Barros Barreto, 2018). Há ainda, interpretações filosóficas brasileiras da obra com problematizações novas e específicas (Souza, 2016; Corrêa, 2017). *Zhuangzi* dialoga com as mais diversas áreas: estética, metafísica, epistemologia, filosofia da linguagem e ética (cf. Costa, 2022).

Esse livro, porém, não é somente para acadêmicos. Historicamente ele tem interessado a artistas visuais, a poetas, a praticantes de exercícios para a saúde e de artes marciais, até a pessoas que buscam realização espiritual - entre tantas outras possibilidades. Aliás, foi nesse contexto, em ambientes de práticas de *Taiji Quan* (Taichi chuan) 太極拳 que conhecemos pela primeira vez o *Zhuangzi*. Mesmo como “simplesmente um livro”, o *Zhuangzi* certamente causará impacto, mesmo que seja de perplexidade e de espanto – que, como vários autores defendem desde a antiguidade, é como começa o filosofar. Assim, qualquer pessoa que se interesse em conhecer um clássico da literatura de impacto mundial traduzido diretamente da língua original para o nosso idioma pode se beneficiar dessa leitura. Que a leitura seja fluida!

Referências bibliográficas:

- BARROS BARRETO, Cristiano Mahaut. O Zhuāngzǐ e as palavras-cálice: uma visão de linguagem pragmática radical na China do século IV aC. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26, n. 2, p. 905-943, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12632>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- CONFÚCIO. *Os Analectos*. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Unesp, 2012.
- CORRÊA, Carlos Alberto Bento. *Problematização de possíveis aspectos educacionais nos capítulos internos do Zhuangzi*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, 2017. Disponível em: <https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/05052017_152957_carlosalbertobentocorrea_ok.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- COSTA, M.O (org.). *Textos selecionados de filosofia chinesa I: áreas de investigação e perspectivas comparadas*. Pelotas: NEPFIL Online, 2022. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2022/06/SIFFCHI.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- LAOZI. *Dao De Jing: Escritura do Caminho e Escritura da Virtude com os comentários do Senhor às Margens do Rio*. Tradução, notas e seleção de textos por Giorgio Sinedino. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- LIEZI. *Vazio Perfeito*. Tradução e notas de Chiu Yi Chih. São Paulo: Mantra, 2020.
- LYNN, Richard John (ed.). *Zhuangzi - A New Translation of the Sayings of Master Zhuang as Interpreted by Guo Xiang*. Translated by Richard John Lynn. New York: Columbia University Press, 2022.
- SINEDINO, Giorgio. Em memória de Hu Xudong. Ponto Final, 24 set. 2021. Disponível em: <<https://pontofinal-macau.com/2021/09/24/em-memoria-de-hu-xudong/>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- SOUSA, John Breno Rodrigues de. A Filosofia Chinesa Publicada no Brasil nos Séculos XX e XXI. *Zi Yue*, v. 1, n. 1, p. 24-41, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ziyue/article/view/157864>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- SOUZA, Julia G. V. *Zhuangzi: uma tradução comentada do segundo capítulo*. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-13102016-151251/pt-br.php>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

- TSAI, Plínio M. Zhuangzi e a desconstrução da substancialidade nos paradoxos lógicos de Huizi. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em: <https://pos.uel.br/filosofia/wp-content/uploads/2023/02/Tsai_Plinio_M_Me_2017.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- VIEIRA, Trajano (org.). Escrito sobre Jade: poesia clássica chinesa - reimaginada por Haroldo de Campos a partir dos ideogramas originais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- ZIPORYN, Brook (ed). Zhuangzi: The Essential Writings: With Selections from Traditional Commentaries. Indianapolis: Hackett Publishing, 2009.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.